

**SP-Arte e Associação Cultural Videobrasil apresentam**

**nada levarei quando morrer,**

**aqueles que me devem cobrarei no inferno**

**projeto SP-Arte no Galpão VB**

**abertura – dia 6 abril (quinta), 19h**

visitação – até 17 junho

Galpão VB

A Associação Cultural Videobrasil e aSP-Arte apresentam ***Nada levarei quando morrer,******aqueles que me devem cobrarei no inferno***,exposição realizada em parceria entre as duas instituições. A abertura acontece no dia **6 de abril de 2017, quinta-feira, às 19h**,no Galpão VB. A mostra apresenta trabalhos de Caetano Dias, Claudia Andujar, Gisela Motta e Leandro Lima, Miguel Rio Branco, Rodrigo Braga, Rodrigo Bueno, Runo Lagomarsino e Virginia de Medeiros, como parte da programação da SP-Arte, que acontece entre 6 e 9 de abril no Pavilhão da Bienal.

Para Solange Farkas, diretora do Videobrasil e curadora da exposição ao lado de Gabriel Bogossian, o projeto **SP-Arte no Galpão VB** consolida a parceria iniciada em 2015, responsável por apresentar no espaço da Associação o site-specific *Agridoce*, do artista sul-africano Haroon Gunn-Salie. “Agora, ampliamos nossa parceria. O projeto possibilita outros olhares sobre as obras desses artistas, ao mesmo tempo que contribui para a expansão do Festival, inserindo o Galpão VB no roteiro de suas exposições paralelas, com nomes consagrados no circuito das artes”.

Para Fernanda Feitosa, este é um encontro que reverbera os propósitos da SP-Arte em 2017. “Sedimentados como Festival, vamos ocupar ainda mais a cidade com arte nesta edição. Vigorosa parceira, a Associação Cultural Videobrasil – há mais de 30 anos na ativa – é a melhor tradução do que precisamos conhecer da produção contemporânea que dialoga com o vídeo, o que representa bem nosso encontro artístico.”

A exposição contará com uma série de atividades que busca expandir os questionamentos propostos pela curadoria. Exibição de uma seleção de documentários produzidos por Thomaz Farkas, uma visita guiada pela exposição e pelo bairro da Vila Leopoldina ao lado do artista Rodrigo Bueno e uma conversa com o arquiteto e urbanista Paulo Tavares compõem os três programas públicos, em 29 de abril, 20 de maio e 10 de junho no Galpão VB. Os encontros são gratuitos.

***Nada levarei quando morrer,******aqueles que me devem cobrarei no inferno*** fica em cartaz no Galpão VB até o dia 17 de junho de 2017, com entrada gratuita.

**+ sobre a exposição**

Refinado observador da cultura de seu tempo, o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini buscou articular, em seus filmes e textos, uma crítica às transformações sociais então em curso na Itália e um registro de certas práticas culturais que, segundo ele, estariam desaparecendo. Em *O Evangelho Segundo São Mateus* (1964), por exemplo, Pasolini filma com não atores, vários deles camponeses do sul da Itália – região historicamente mais pobre do país –, realizando ao mesmo tempo uma espécie de homenagem ao catolicismo popular e um registro da máscara do rosto desse homem comum, marcada pelo trabalho no campo. “São imagens de corpos e práticas culturais dissidentes em relação às então novas formas hegemônicas que se impunham à heterogeneidade das culturas italianas”, explica o cocurador da exposição, Gabriel Bogossian.

A exposição***Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno*** toma partidodesse pensamento, transportando-o para o contexto brasileiro. Aqui, populações urbanas e povos indígenas seguem sob ameaça, seja de projetos de reforma urbanística que não levam em conta a necessidade de inclusão social, seja por empreendimentos de infraestrutura que inviabilizam modos de vida tradicionais. Nesse universo, obras de Caetano Dias, Miguel Rio Branco e Virgínia de Medeiros, por um lado; e de Claudia Andujar, Gisela Motta e Leandro Lima, Rodrigo Bueno, Rodrigo Braga e Runo Lagomarsino, por outro, aproximam-se na abordagem do transe – espiritual, emocional ou erótico –, do sexo e da morte, a partir de uma perspectiva crítica e heterodoxa. Para Bogossian, “o repertório simbólico, resultado do diálogo proposto por estes artistas e sua relação com práticas religiosas não ocidentais, acaba por configurar um lugar de resistência de modos e formas de vida que permanecem, insistindo em afirmar sua força e, sobretudo, sua diferença”.

Se o pensamento do cineasta italiano sobre um patrimônio cultural que desaparece é o ponto de partida da exposição, seu título – ***Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno***, emprestado da obra de Miguel Rio Branco – reforça a ideia de morte, presente também em uma das obras de Claudia Andujar, *Casulo humano (rito mortuário).* “A morte representada na obra de Claudia está integrada aos ciclos naturais da vida, e não só da vida humana. Talvez seja isso que a gente queira criar no Galpão VB: um lugar multiespécie, onde convivem seres de vários mundos e universos, quase como uma espécie de morada dos espíritos”, finaliza.

**+ sobre as obras e artistas**

**CAETANO DIAS | Feira de Santana, Brasil, 1959**

As relações entre corpo e identidade, e memória e pertencimento são alguns dos principais eixos da pesquisa do artista, que trabalha com vídeo, videoinstalação, filme, fotografia, instalação e performance. Foi premiado no 16º Festival de Arte Contemporânea Sesc\_Videobrasil (2007) com residência no Le Fresnoy, em Tourcoing, França. Dentre as exposições coletivas, destacam-se *Do Valongo à Favela*, Museu de Arte do Rio de Janeiro (2014); III Bienal da Bahia (2014) e 29º Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (2005). Vive e trabalha em Salvador.

**Uma**

*vídeo, 2005*

Obra que surge a partir de um evento fortuito, *Uma* é composta por um plano sem cortes que, como a subjetiva de um voyeur, mostra um homem e uma mulher abraçados dentro da água, em uma praia. A coreografia dos corpos sugere que, em plena luz do dia e à vista de todos, os dois fazem amor – a “uma” a que o título se refere. A câmera, voyeurística e irônica, acompanha os dois até que eles saiam do mar e a mulher, cansada, se sente na areia.

**CLAUDIA ANDUJAR | Neuchâtel, Suíça, 1931**

Desde o início de sua carreira, Andujar interessou-se por temas e grupos à margem da cultura dominante – dos internos de um hospital psiquiátrico a participantes de sessões espíritas –, registrando a potência vital dos personagens fotografados. Sua atividade como fotojornalista leva-a primeiramente à tribo dos Carajás e, em 1971, ao povo Yanomami, então recém contatado. Reconhecida internacionalmente, sua produção integra o acervo dos principais museus do mundo, como o MoMA, em Nova York; a Maison Européene de la Photographie, em Paris; e o Instituto Inhotim, em Brumadinho, Brasil. Publicou os volumes *Marcados* (2009), *A vulnerabilidade do ser* (2005), e *Yanomami* (1998), entre outros. Vive e trabalha em São Paulo.

**Catrimani**

*slideshow com seleção do livro* Amazônia*, 1971-1972*

**Casulo humano (rito mortuário Yanomami), da série Casa**

*fotografia, 1976*

Publicadas pela primeira vez no livro *Amazônia* – realizado em parceria com George Love e atualmente esgotado –, este conjunto de imagens dá testemunho de um fragmento da floresta, tomada em sua complexidade humana, animal e vegetal. A sequência projetada em slideshow registra um momento lúdico de um grupo Yanomami na mata. Ao contrário do que se vê em séries mais famosas da artista, aqui a presença dos corpos frente à câmera produz imagens delicadas, onde os yanomami brincam e conversam, como se partilhassem um espaço familiar. *Casulo humano (rito mortuário Yanomami)*, por sua vez, mostra parte do rito fúnebre Yanomami, no qual o cadáver é posto em uma espécie de casulo, por sua vez preso a uma estrutura de madeira na mata até que ele seque totalmente, para então ser cremado e ter suas cinzas misturadas ao mingau que seus parentes partilharão.

**CLAUDIA ANDUJAR | Neuchâtel, Suíça, 1931**

*Bio acima.*

**GISELA MOTTA E LEANDRO LIMA | São Paulo, Brasil, 1976**

Formados em Artes Plásticas pela FAAP em 1999, Motta e Lima trabalham desde então em dupla, desenvolvendo uma investigação na qual tecnologias distintas são exploradas em obras onde conceito e técnica se determinam conjuntamente e frequentemente põem a relação com o espectador em primeiro plano. Participaram de diversas mostras coletivas no Brasil e no exterior, como 1ª Bienal Fin del Mundo, Argentina (2007); a 10ª Bienal de Havana (2009); e *A Arte e a Ciência: Nós entre os extremos*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2015). Entre as exposições individuais, destacam-se I*n.Situ.Ações*, MAMAM no Pátio, Recife (2011); e *Sopro*, CCBB, Rio de Janeiro (2012). Vivem e trabalham em São Paulo.

**Yano-a (Wakata-ú – Terra Indígena Yanomami)**

*videoinstalação, 2005*

*Yano-a* foi desenvolvida a partir da apropriação de uma fotografia em preto-e-branco de uma maloca Yanomami incendiada, realizada em 1976 por Claudia Andujar. Os artistas buscaram atualizar o instante em que essa imagem foi registrada, recriando de maneira analógica o movimento do fogo e as refrações do calor a partir da projeção dessa fotografia através de uma camada de água. Em outra composição, um projetor adiciona à imagem original o registro animado das chamas extraído dos fotogramas que documentaram o incêndio, nos recolocando exatamente diante do momento em que essa maloca se perpetua queimando.

**MIGUEL RIO BRANCO | Las Palmas de Gran Canária, Espanha, 1946**

A obra de Miguel Rio Branco desdobra-se em pinturas, fotografias, filmes e instalações, frequentemente atuando no limiar entre essas linguagens. Seus trabalhos apresentam um mundo violento e fragmentado, conduzindo o público por zonas sombrias do tecido social e da subjetividade humana. Exibe internacionalmente desde a década de 1980, tendo obras em acervos de instituições como o Museu de Arte Moderna de São Paulo; o Instituto Inhotim, em Brumadinho; o Centre Georges Pompidou, Paris; e o Stedelijk Museum, em Amsterdã. Publicou os volumes Dulce Sudor Amargo (1985), Silent Book (1998), e Maldicidade (2014), entre outros. Vive e trabalha em Araras, Brasil.

**Nada levarei qundo morrer aqueles que mim deve cobrarei no inferno**

*vídeo, 1979-80*

*Nada levarei quando morrer aqueles que mim deve cobrarei no inferno* reúne fotografias e trechos audiovisuais produzidos por Miguel Rio Branco no bairro do Maciel, na região do Pelourinho, em Salvador. As imagens registram o cotidiano dos bares e prostíbulos do local, seus moradores e frequentadores. É em meio a fragmentos desse cenário que a frase-título aparece, escrita de batom sobre um espelho, ao fim do filme.

**RODRIGO BRAGA | Manaus, Brasil, 1976**

Reinventando o gênero natureza-morta, Braga compõe imagens e situações mesclando materiais como folhas, pedras, ossos, carne e carcaças de animais que desafiam a percepção comum do natural e do cultural, do real e do construído. Dentre suas principais exposições estão a 30ª Bienal de São Paulo (2013); *Extreme*, na Maison Européene de La Photographie, em Paris (2010); e *More force than necessary,* individual realizada no Flanders Fields Museum, Ypres, na Bélgica (2010). Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

**De natureza passional**

*vídeo, 2014*

**Mentira repetida**

*vídeo, 2011*

**Sem título (pedra e árvore)**

*fotografia, 2012*

Embora não tenham sido concebidas como um conjunto, as três obras reunidas nesta exposição constituem um recorte representativo de parte da produção de Rodrigo Braga que, de maneira coerente e sistemática, vem refletindo sobre as relações entre natureza e cultura em fotografias e performances em vídeo. *De natureza passional* e *Mentira repetida*, em que o artista performa em meio à mata, relacionam-se com a floresta como lugar possível de acolhimento e abrigo, enquanto *Sem título (pedra e árvore)* registra um instante do lento e silencioso embate entre uma pedra e um tronco que cresce sobre ela.

**RODRIGO BUENO | Campinas, 1967**

Trabalhando em instalações e objetos a partir de materiais como ferro, madeira e outros elementos orgânicos, Bueno reflete sobre a memória urbana através dos resíduos da cidade. Sua prática inclui a realização de oficinas e atividades colaborativas, além da coordenação do Ateliê Mata Adentro. Realizou as exposições individuais *A Ferro e Fogo*, na Galeria Marília Razuk, em São Paulo (2016); e o *solo project* na ArtBo, em Bogotá (2016); também participou das coletivas *Transparência e Reflexo*, no Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo (2016) e *Cruzeiro do Sul,* no Paço das Artes, São Paulo (2015), entre outras. Vive e trabalha em São Paulo.

**Emboaçava (lugar de passagem)**

*site specific, 2017*

Única obra comissionada para a exposição, o *site specific* *Emboaçava (lugar de passagem)* traz um fragmento do ateliê Mata Adentro para o interior do Galpão VB. Utilizando diversos elementos de seu repertório artístico, como grades de ferro de casas demolidas e pedaços variados da flora de São Paulo, Bueno explora o passado da Vila Leopoldina, bairro onde se encontra o Galpão VB, e seu papel na proteção da então nascente cidade de São Paulo contra invasores. O título da obra faz referência a um ponto próximo à atual ponte dos Remédios, onde era possível cruzar o rio Tietê a pé.

**RUNO LAGOMARSINO | Lund, Suécia, 1977**

Filho de argentinos exilados na Suécia, Lagomarsino explora perspectivas alternativas às relações de poder em sua dimensão histórica, partindo com frequência de uma reflexão sobre a permanência da herança colonial na América Latina contemporânea. Trabalhando com instalações, esculturas, fotografias e vídeos, realizou exposições individuais na Nils Stærk, Copenhague, Dinamarca (2011 e 2013); e na The Swedish Contemporary Art Foundation, Estocolmo, Suécia (2012), entre outras instituições, além de ter participado de mostras coletivas no Museu Reina Sofía, Madri (2014); no Museu Guggenheim, Nova York (2014); e na 52ª Bienal de Veneza, Itália, (2011). Vive entre São Paulo e Malmö, Suécia.

**We all laughed at Christopher Columbus**

*projeção de slide sobre MDF, 2003*

**La découverte de la Terre**

*instalação, 2017*

**One side and the other**

*pôster, 2014*

Parte de um amplo conjunto de obras onde o artista aborda criticamente o papel dos museus a partir de uma perspectiva pós-colonialista, os quatro trabalhos fazem referência à importância dessas instituições como detentoras dos espólios produzidos pelo colonialismo e, por consequência, na consolidação dos estados nacionais europeus. Nestas obras, os materiais e imagens utilizados pelo artista – principalmente ouro e um fragmento de *The First New Chronicle and Good Government* (1612–1616), texto chave para a reconstituição do que foi a cultura inca – evocam a simultaneidade perversa dos ciclos de espoliação econômica e cultural.

**VIRGINIA DE MEDEIROS | Feira de Santana, 1973**

Em sua prática artística, baseada principalmente no uso do vídeo e da instalação, Virginia de Medeiros apropria-se de estratégias do documentário para rever os modos de interpretar o outro, tomando emprestadas formas de investigação antropológica e etnográfica. Participou do 32º Panorama de Arte Brasileira, no MAM de São Paulo (2011); da 2ª Trienal de Luanda (2010), Angola; e da 27ª Bienal de São Paulo (2006). Em 2009, recebeu o prêmio Rede Nacional Funarte Artes Visuais (2009). Vive e trabalha em São Paulo.

**Cais do corpo**

*vídeo, 2015*

**Cais do corpo**

*impressão digital, 2015*

**Cais do corpo**

*impressão digital, 2015*

Realizado durante as derradeiras etapas da “revitalização” mais recente realizada na Praça Mauá, na zona portuária do Rio de Janeiro, *Cais do corpo* constitui-se como uma espécie de registro dos últimos dias do universo de prostituição que florescia na região desde a década de 1930. Abordando sob um olhar crítico os projetos urbanísticos que gentrificam zonas inteiras das cidades sem nenhum planejamento de inclusão social, a obra encara a performatividade do corpo das prostitutas como prática social e política na qual se combinam, às vezes de modo singelo, erotismo e resistência.

**SERVIÇO**

O QUE: exposição ***Nada levarei quando morrer, aqueles que me devem cobrarei no inferno*** | COM OBRAS de Miguel Rio Branco, Claudia Andujar, Virginia de Medeiros, Runo Lagomarsino, Gisela Motta e Leandro Lima, Rodrigo Braga, Caetano Dias e Rodrigo Bueno | CURADORIA de Solange Farkas e Gabriel Bogossian.

QUANDO: **abertura - 6 de abril (quinta), 19h** | visitação: até 17 de junho de 2017, de terça a sábado, das 12h às 18h.

ONDE: Galpão VB | Associação Cultural Videobrasil – Av. Imperatriz Leopoldina, 1150, São Paulo/SP.

**CONTATOS PARA DIVULGAÇÃO**

**Comunicação | Associação Cultural Videobrasil**

comunicacao@videobrasil.org.br

11 3645 0516

**Assessoria de Imprensa SP-Arte | A4&Holofote Comunicação**

Neila Carvalho - neilacarvalho@a4eholofote.com.br

11 3897 4122

**Assessoria de Imprensa Videobrasil | Agência Lema**

**Leandro Matulja -** leandro@agencialema.com.br

**Marcelo Cia -** marcelo@agencialema.com.br

**Rafael Medeiros -** rafaelmedeiros@agencialema.com.br

11 3871 0022